

O constrangimento da viagem e do lugar

Teresa Luzio Morais

ESAD.CR / teresaluzio@gmail.com

Resumo:

O presente texto é um ensaio escrito e visual em torno da observação da documentação de uma performance (2005) que consistiu em deixar num banco de jardim da cidade de Weimar um caderno pessoal. Lembrar a performance por intermédio da observação da documentação impressa num livro de artista, é um exercício autorreflexivo que levanta novas considerações sustentadas pela fricção entre a observação, a memória, e a condição de estar em outro tempo e lugar.

Palavras-Chave: performance; lugar; corpo

The body is the zero point of the world, that in which all roads and spaces cross each other. The body is nowhere but the heart of the world that small utopic nucleus from which I dream, I speak, I move forward, I imagine, I understand all things in their proper space, and I connect them in such a way through the infinite power I myself can imagine.

— Michel Foucault

1. O constrangimento da viagem e do lugar (Weimar 2005)

Um caderno foi deixado num banco de jardim na Theaterplatz, uma das praças principais da cidade de Weimar, e tudo o que se seguiu foi vigiado e documentado. O caderno de apontamentos e tudo o que contém, desenhos e observações, foi um objeto gerado e concluído na cidade de Weimar, encerrando em si os momentos eternos dos desenhos, através dos quais se pode refazer o percurso percorrido durante parte de dois anos. Foram rasuradas todas as informações pessoais que pudessem de alguma forma implicar a devolução do caderno. O caderno também continha uma pequena nota endereçada diretamente a qualquer espectador mais atento.

Durante 50 minutos fui observando de longe toda e qualquer aproximação ao caderno, registando em fotografia sempre que alguém se aproximava.

A documentação da performance constitui-se por uma caixa que contém: um pequeno vídeo que antecede a performance, quando em casa me despeço do caderno; uma cópia do caderno perdido mas sem as páginas desenhadas, ficando apenas um caderno com folhas rasgadas e outras brancas; um ensaio escrito sobre as motivações da performance, e um outro caderno com os registos da performance-ação. *Habitat para documentação* é uma caixa que condensa a temporalidade da performance e a marca uma relação com a cidade (Weimar).



Imagem 1. Teresa Luzio Morais, *s/título*, 15cmx10cm, 2005/2019

1.1 O constrangimento da viagem e do lugar (Portugal 2019)

Em primeiro lugar, a performance-ação dirige-se a um espectador a nível individual, seduzindo-o para uma ação que está a acontecer num lugar exterior, um lugar aberto no espaço público, para posteriormente a atenção sair do centro da ação para a sua documentação, desta vez em torno de um tipo diferente de espectadores, que são os leitores. Uma forma de condensar um determinado tipo de experiência de um certo tempo e lugar, também como um exercício de memória futura. No entanto, atribuo uma qualidade útil a estes livros e vídeo, como parte de um processo que lembra a escrita *hypomnemata*¹. Objetos como cadernos de registos de contabilidade ou notarial, agendas, notas pessoais, que, além de auxiliares de memória, constituem matéria para práticas e exercícios regulares como “ler, reler, meditar, entreter-se a sós ou com outros (...), com o objetivo de os ter sempre à mão, “não apenas no sentido de poderem ser trazidos à consciência, mas no sentido de que se deve poder utilizá-los, logo que necessário, na ação (Foucault, 1992, p. 136).

Os 3 livros e o vídeo marcam uma trajetória final na cidade onde vivi um período de tempo, e o momento em que tive de partir. Hoje, ao observar a

¹ *Hypomnemata* é uma escrita que surge como um princípio ou dispositivo de apoio à memória na teoria de anamnese de Platão e que Michel Foucault enuncia como um tipo de escrita, a par com a correspondência, que possibilita a transformação da verdade do sujeito, com a finalidade da constituição de si.

documentação, construo uma outra forma de mapear a minha trajetória entre esse lugar, e o lugar onde estou neste momento. Rompem memórias e novas imagens, em torno de constrangimentos e vulnerabilidades que estão impressas nas fotografias e vídeo, e as que habitam em algum lugar sutil do meu corpo.



Imagem 2. Teresa Luzio Morais, *s/título*, 15cmx10cm, 2005/2019

2. Lugar

Desde os primórdios da Humanidade que o homem se apropria das coisas territorialmente, ocupando pedaços de terra, satisfazendo as suas necessidades físicas e intelectuais, assim como se desterritorializa, cada vez que essas necessidades clamam por condições diferentes (Careri, 2017).

Os lugares por onde nos movemos, os lugares que habitamos, esses espaços moldam quem somos, o que vemos, como pensamos e o que sabemos. E isso não se limita apenas aos lugares mais imediatos e familiares - a casa, o bairro, a paisagem fora das nossas janelas - mas inclui também os lugares que visitamos como turistas, vivemos por um curto período de tempo, ou simplesmente atravessamos a caminho de outro lugar.

Escolhi uma das praças mais movimentadas da cidade de Weimar, também por ser um lugar que possui diversas leituras temporais, ou mais do

que isso, que são predominantes neste lugar. A vulnerabilidade do caderno deixado nas mãos de um cotidiano lento, o "tempo parado" de um viajante em repouso, ou em movimento rápido, o "tempo em movimento" dos que atravessam a praça para outro lugar.

A evolução e expansão da desterritorialização contemporânea é análoga à da tecnologia, com os meios de transporte que nos movem a diferentes velocidades, ou os meios de comunicação que tornam acessível uma quantidade considerável de informação, e imagens rápidas que nos levam, sem corpo, a outros lugares.

A performance-ação foi estruturada com base numa urgência de movimento, na necessidade constante de deslocação, no desejo de ter um olhar para o mundo inteiro, de viajar e deixar uma marca no meio circundante e no desequilíbrio permanente entre ficar e sair.

No entanto foi preciso parar. Parar para ficar a observar a iminência de ficar sem o caderno. Parar como uma estrutura para a experiência do lugar (Careri, 2017), que pode querer dizer que se deseja reter alguma coisa, ou retornar a algum ponto, ou simplesmente descansar. Mas é igualmente estruturador parar para fazer nada, e ficar a ver o que acontece como uma forma de ganhar tempo, para talvez, eleger para onde ir a seguir.



Imagem 3. Teresa Luzio Morais, *s/título*, 15cmx10cm, 2005/2019

2.1 Lugar

A evidência de uma espécie de abandono do caderno, significa também querer reinventar o gesto como um ato de resistência à ideia de um objeto projetado e criado para um lugar específico, decidindo por um caminho de criação que não está preso a nenhum território artístico específico (galeria, museu, etc.), uma forma de ligar a arte a outros espaços de pensamento e ação (do qual também é prova o exercício de escrever e publicar que este ensaio concretiza).

Sujeitar-me a ficar sem algo, para desejavelmente o partilhar e comunicar, é uma forma de ir ao encontro do outro, ou outros. Uma forma de me relacionar com o lugar exterior de uma cidade (neste caso particular a cidade de Weimar), como um espaço em que os encontros consigo mesmo, como com outros, se tornam possíveis (Careri, 2017).

Ainda na performance afirmo um deslocamento voluntário ou de desterritorialização em que o observador (eu) experimenta a possibilidade de perder algo que é seu, que possui. E ao perder ganha também uma outra compreensão sobre noções de posse e pertença. Emerge uma questão: mas e o que fica? Fica o lugar deixado pelo objeto. E fica o corpo.



Imagem 4. Teresa Luzio Morais, *s/título*, 15cmx10cm, 2005/2019

3. Corpo

A performance persegue uma ideia de corpo em transitoriedade, de como pela observação da documentação não só se retorna a uma determinada experiência e lugar, mas também em como se avança em torno dela.

Agir em benefício de uma ideia de identidade global, coletivamente homogênea e que reemerge como uma experiência de lugar: "Vivemos na era da simultaneidade: vivemos na era da justaposição, do remoto e do próximo, do geminado e do disperso" (Foucault, 1984, p.1).

Compreender o corpo como o lugar zero, onde todos os caminhos convergem (Foucault, 1992) é também compreender o corpo como o lugar de ruínas, de perdas e fracassos. Estamos a falar do domínio do repertório como os gestos, a oralidade, o movimento, a dança, o canto (Taylor, 2003). O que é de caráter imaterial, o que é do saber do corpo.

No conjunto, quer este corpo que deixou o caderno no banco de jardim, como este corpo que hoje observa a documentação, desenvolve uma nova ação dentro de um processo tortuoso de memória, para fazer verdade e voltar a registar a evidência como uma forma de exercer-se, de praticar-se, e de se perder nele.

Parto do movimento loop, presente na observação da documentação, mas também de retorno, próprio à noção de memória porque esta não tem fim.

O meu corpo entra e sai de uma imagem idealizada, ainda que procure, teoricamente, fazer com que o tempo e o lugar do passado, exista ou toque neste momento presente. Um exercício desejável de conceber uma vivência com outra ordem da leitura dos acontecimentos, adicionando novas camadas e novos elementos.



Imagem 5. Teresa Luzio Morais, *s/título*, 15cmx10cm, 2005/2019

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Foucault, M. (1992) *O que é um autor?* Lisboa: Vega.

Foucault, M. (1984) Des Espace Autres. In *Architecture, Movement, Continuité*, 5: 46–49. Tradução Portuguesa Pedro Moura, “De Outros Espaços”. In http://www.vi-rose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html [acedido em 13-09-2005]

Taylor, D. (2003) *The Archive and the Repertoire: Performing Cultural Memory in the Americas*. In <https://www.nyu.edu/classes/bkg/methods/archive-repertoire.html> [acedido em 18-01-2015]

Careri, F. (2017). *Caminhar e Parar*. Editorial Gustavo Gili, São Paulo.